

Em torno da paz

O relógio tilintou, marcando oito horas, quando Anacleto Silva acordou na manhã clara.

Lá fora, o Sol prometia calor mais intenso e a criança disputava bagatelas como vaga chilreante de passarinhos.

Anacleto estirou-se no leito, relaxando os nervos, e, porque iniciaria o trabalho às nove, antes de erguer-se tomou o Evangelho e leu nos apontamentos do Apóstolo João, capítulo catorze, versículo vinte e sete, as sublimes palavras do Celeste Amigo:

A paz vos deixo, a minha paz vos dou. Não vo-la dou à maneira do mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.

— «Alegro-me na certeza de que a paz do Senhor envolve o mundo inteiro. Onde estiver, receberei o amor do Cristo, que assegura a tranquilidade, em torno do meu caminho.

Sei que a presença de Jesus abrange toda a Terra e que a sua influência nos governa os destinos.

Desfrutarei, assim, a paz entre as criaturas.

O Eterno Benfeitor está canalizando todas as mentes para a vitória da paz. Por isso, ainda mesmo que os homens me ofendam, neles procurarei enxergar meus irmãos que o Divino Poder está transformando para a harmonia geral.

Regozijo-me na convicção de que o Príncipe da Paz orienta as nações e que, desse modo, garantir-me-á o bem-estar.

Recolherei do Céu a bênção da calma e permanecerei nos allicerces do entendimento e da retidão, junto da Humanidade.

Louvo o Senhor pela paz que me envia hoje, esperando que Ele me sustente em sua paz, agora e em todos os dias de minha vida.»

Após monologar, fervoroso, levantou-se feliz, mas, findo o banho rápido, verificou que a fina calça com que lhe cabia comparecer no escritório sofrera longo corte de faca.

Subitamente transtornado, chamou pela esposa, em voz berrante.

Dona Horacina veio, aflita, guardando nos braços uma pequerrucha doente. Viu a peça maltratada e alegou, triste:

— Que pena! Os meninos estão à solta, e eu ocupada com a pneumonia da Sônia.

Longe de refletir na grave enfermidade da filhinha de meses, Anacleto vociferou:

— Que pena? é tudo o que você encontra para dizer? Ignora, porventura, que esta roupa me custou os olhos da cara?

A senhora, sem revidar, dirigiu-se a velho armário e trouxe-lhe um costume semelhante ao que fora dilacerado.

Pouco depois, ao café, notando a ausência do leite, Anacleto reclamou, irritado.

— Sim, sim — explicou a dona da casa —, não pude enfrentar a fila... Era preciso resguardar a pequena...

Silva enguliu alguns palavrões que lhe assomavam à boca e, quando abriu a porta, na expectativa do loteamento,

eis que o sogro, velhinho, lhe aparece, de chapéu à destra encarquilhada, rogando, humildemente:

— Anacleto, perdoe-me a intromissão; contudo, é tão grande a nossa dificuldade hoje em casa que venho pedir-lhe quinhentos cruzeiros por empréstimo...

— Ora, ora... — respondeu o genro, evidenciando cólera injusta — onde tem o senhor a cabeça? Se eu tivesse quinhentos cruzeiros no bolso, não sairia agora para encarar a onça da vida.

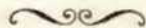
Nisso um carro buzinou à reduzida distância, passando, porém, de largo, sem atender-lhe ao sinal.

Anacleto, em desespero, bradou, contundente:

— Malditos! como seguirei para a repartição? Malditos! malditos!...

Outro carro, no entanto, surgiu rápido, e Silva acomodou-se, enfim.

Mas, enquanto o veículo deslizava no asfalto, confrontou a própria conduta com as afirmações que fizera ao despertar, e só então reconheceu que ele, tão seguro em exaltar a harmonia do mundo, não suportara sem guerra uma calça rasgada; tão convicto em prometer a si mesmo o equilíbrio no Senhor, não se conformara ante a refeição incompleta; tão pronto em proclamar o seu prévio perdão às ofensas humanas, não soubera acolher com gentileza a solicitação de um parente infeliz, e tão solene em asseverar-se nos alicerces do entendimento, não hesitara em descer da linguagem nobre para a que condiz com a gíria que amaldiçoa... E, envergonhado por haver caído tão apressadamente da serenidade à perturbação, começou a perceber que, entre ele e a Humanidade, surgia o lar, reclamando-lhe assistência e carinho, e que jamais receberia a paz do Cristo por fora, sem se dispor a recolhê-la por dentro.



Nota explicativa

Meu amigo, você estranha, sensibilizado, que certo «morto» inteligente haja olvidado o compromisso de identificar-se, em mensagem pessoal, a determinado companheiro «vivo».

Refere-se ao contrato de dois escritores respeitáveis que os interesses afetivos entrelaçaram, profundamente, através de tertúlias literárias.

Um, à frente da morte, prometeu ao outro, mergulhado nas correntes da vida carnal, que voltaria das pesadas águas do Estige, com noticiário elegante e compreensível. Preliminarmente, porém, o amigo «morto» leria, em espetáculo de grande estilo, certa ordem de palavras que o amigo «vivo» manteria em segredo no cofre forte. Reconhecido, então, pelos poderes divinatórios, o autor desencarnado, promovido a oráculo, passaria à condição de novo Marco Polo, com rádio e televisão para todos os recantos do mundo.

Com semelhante realização, em seu parecer que eu prezo muito, o Espiritismo salvador seria respeitado em toda parte.

Todavia, o notável escritor desencarnado, em quebrando os selos do túmulo, pareceu desmemoriado e distraído e não se arriscou à execução da promessa.

E você, à maneira de muita gente, duvidou e sofreu, porque aguardava a solução ao problema da imortalidade,